

Naquele dia – diferentemente dos outros considerados “normais” –, acordara um tanto quanto *ansioso*. Não passou muito tempo *sentado* à borda da cama e logo partiu para tomar seu café, muito bem abancado à mesa de sua pequena, mas moderníssima copa. Antes, porém, fora até a porta onde jazia debaixo dela o seu inseparável jornal diário *embalado* num finíssimo saco plástico. Era inverno!

Este era um ritual sagrado!

Acordar, tomar café e ler! Estava um tanto mais apreensivo, pois, dias antes, havia ele encomendado um pequeno *anúncio*. Apesar dele ser assinante de tal matutino, era a primeira vez que saía da função de leitor para “adentrar-se” nele (no jornal), ainda que como um breve e simples *anunciante*.

Folheava o periódico *ávido*, sem mesmo sequer ler *as seções* que mais lhe convinha: “Política” e “Economia”; indo diretamente para os “Classificados” com o fito de analisar se seu anúncio havia saído no formato e dia previamente combinados. Afinal, o serviço fora cobrado! Com desconto é verdade, notadamente pelo fato dele estar *enquadrado* como um antigo cliente.

Era um sujeito perfeccionista! E já o era muito mesmo antes dele tornar-se bem-sucedido. Depois que acumulou um patrimônio considerável *então*, transformou-se num sujeito mais criterioso *ainda*.

Fazia, então, pois tal ação (a de ler) *enquanto* tomava seu “maravilhoso” café. Duas calóricas fatias de pizzas *semicongeladas* mais meio copo de achocolatado frio. O



“café” seria perfeito se não tivesse tão pouco achocolatado. *Enfim, a vida tem de seguir adiante!*

E sucedeu que ele, depois de correr com os olhos em *grande* parte desta *seção* de anúncios, rapidamente identificara o seu, no tópico “Emprego e Oportunidades”, lendo-o sem pestanejar:

CONTRATA-SE: LAVADERIA E PASSADEIRA. Senhora do sexo feminino entre 30 a 50 anos, c/ experiência e q/ esteja apta p/ o trabalho de lavar, alvejar e passar, sobretudo as vestimentas pessoais de um Executivo. Paga-se bem. Tr: (23) 3233-...

Finalmente! Era verdade, seu anúncio tinha sido *veiculado* conforme compactou com a pessoa responsável por tal serviço lá na redação do tabloide. Embora de longa formação e trabalho na área jurídica, não se importou com os excessos das palavras *abreviadas*, e demais correções aplicadas possivelmente pelo diagramador no sentido de *adequar* o texto as exigências do periódico. A mensagem principal havia sido preservada. *Era isso que importava*, pensou.

Pronto! A parte do jornal feita! *Tornou* ele a dá cabo as demais tarefas matinais quais sejam: acordar, tomar café, ler... como já havia dito; para depois banhar, escovar os dentes, vestir-se, para assim, claro, dirigir-se ao trabalho. Já eram por volta das 9:25h pm. E assim ele o faz! Essa era a sua rotina. Por volta das 14:30h já se achava em casa, não sem antes passar num refinado restaurante, para saborear seu merecido almoço tendo como prato principal *Noix* grelhado ao molho *Dijon* guarnecidos com batatas recheadas *hasselback*, original da Suécia. Trabalhava 6h por dia com 2h30 com 2:30h de descanso, segundo seu estatuto profissional. Nem ao presidente da república fora garantido uma carga horária tão generosa de trabalho.

Contava com um *excelente* salário, certo e vitalício que aumentava de tempos em tempos; sem falar dos recorrentes e generosos abonos, que vez ou outra, caía em seu contracheque até mesmo sem ele saber. Mas nem sempre fora assim. Não mesmo! Quem lhe vê, até pode imaginar que tudo foram flores na sua vida. Ledo engano! Passou anos, porque não dizer décadas, na penúria, sem ter sequer uma alma generosa que lhe oferece



as mãos, que o socorresse. Para manter-se vivo, pois, lutou bastante, ainda que *solitariamente*. Com muita insistência, alcançou o posto que mais ambicionava em toda sua vida – ser um verdadeiro “*Marajá*”.

Pois bem, àquela altura, a única coisa capaz de “quebrar” um pouco a sua atarefada agenda, seria o fato dele ter se comprometido *a contratar* uma pessoa para trabalhar para si. Ou seja, isso quer dizer que – vez ou outra –, alguém lhe procuraria com *intuito* de oferecer seus serviços, já que ele dispôs publicamente que estava disposto a empregar uma pessoa, inclusive publicando seu telefone, percebe?

Mas, logicamente que isso não se daria de forma corriqueira, mas esporádica, mui esporádica por assim dizer; e foi, pois, justamente isso que ocorreu, até demais. Com efeito, o *anunciante* passara dias e mais dias sem que não houvesse uma interessada *qualquer* na sua proposta; e o anúncio que era para veicular durante uma semana somente, passou a ficar quase que permanentemente no jornal. Passara um mês, dois meses e nada. Somente algumas pretensões dúbias, umas outras querendo *negociar* melhores dias de trabalho, outras mais pedindo um valor de salário maior, mas nada feito! Para o anunciante sua oferta já estava de muito bom tamanho – sendo que para ele –, esse era um trabalho que não requeria “maior nível de complexidade”, apesar de ser muito *dispendioso* fisicamente, braçal, por assim dizer.

Enfim, e aquilo que aparentemente parecia ser bem fácil de resolver, *agora* se tornara um *suplício*. Passavam-se os dias e o contratante queria porque queria alguém para prestar-lhe aquele – num primeiro momento –, simplório serviço. Pensou até em aumentar o valor do salário, logo ele que não cogitava *jamais* ter de voltar atrás em suas decisões.

Porém, num belo dia de sábado, eis que aparece a sua porta uma senhora. Havia acabado de almoçar, estava ele *assistindo* seu jornal televisivo, enquanto esperava bater o sono para dormir a tarde toda – em outras palavras, por em curso a sua imprescindível *siesta*. Depois de ouvir o segundo crepitar da campainha, ele decide ir até ela, a porta, não imaginando *jamais* quem ali pudesse estar. Talvez, o porteiro para entregar-lhe uma



correspondência; ou quem sabe, um grupo de religiosos, provavelmente, sabatistas, *com vistas* a tentar levar ao menos salvação para aquele pobre e conturbado espírito, ganhar a sua alma para Jesus, como eles bem dizem.

E caso fosse a primeira alternativa, *notadamente* receberia sua correspondência e logo despacharia aquele que o entregou – o porteiro, claro. Já na segunda hipótese, percebendo que poderia se tratar de mais uma tentativa dos céus para converter-lhe ao confortável mundo espiritual; logo o mesmo daria aquele velho sorriso amarelo e desconversaria – de imediato – os tais religiosos; antes mesmo de partir qualquer intenção, por parte deles, de arriscar, ao menos deixar-lhe um singelo *panfleto* com mais uma linda mensagem de consolo espiritual. Ah claro, e com o endereço da congregação carimbado nela óbvio, caso ele mudasse de ideia. Mas ele não mudaria, nunca mudou!

Contudo, para sua sorte, não era nem um, nem outro; nem muito menos outra possibilidade qualquer desconhecida. Era *finalmente* quem ele, há muito tempo, aguardava – a sua mais nova “pretensa” funcionária.

Então, sem imaginar quem pudesse ser, somente dessa vez, com pouca paciência e com o ânimo de logo querer *despachar* o tal “visitante”, decide ele assumir o risco girando a chave, tirando o trinco de segurança, abrindo a porta de forma brusca – contrariando todas as medidas de segurança quais sejam: a de olhar no olho mágico ou então perguntar quem ali estava –, com vistas a descobrir logo quem era que batia a sua porta num dia e horários tão incômodos. É quando ele se depara, pois, com uma simpática e indefesa, porém, um pouco assustada senhora, que ao ver o dono da casa, rapidamente diz:

- Bo...bom dia!... – cumprimentou ela gaguejando.
- Bom dia – respondeu ele.
- Fiquei sabendo que o senhor procura *alguém* para trabalhar aqui, é verdade?

Estou à disposição.

- Hum...

O proprietário da casa, logo se desarma. Afinal, pelo menos aparentemente, ela



parecia se adequar as especificações físicas e etárias propostas por ele no *anúncio* que eram a de ser “*senhora do sexo feminino com idade entre 30 a 50 anos*”. Ele sente um regozijo, uma luz paira por sobre sua anfibológica mente, muda-se o seu semblante e sem titubear diz em tom amigável:

— Sim, sim estou sim. Entre por aqui vamos conversar – diz ele ao abrir ainda mais a porta, conduzindo agora a mais nova convidada em direção a melhor parte da casa, a cozinha – Sente-se aqui! – determinou.

Sem pestanejar, ela se acomoda na cadeira comportadamente, enquanto ouve do anfitrião:

— A senhora deseja alguma coisa, uma água? Olha, só não ofereço-te café ou chá, porque hoje ainda não fiz nada. É que me deu preguiça, sabes?

— Não, obrigada está tudo bem.

— Pois bem, quer dizer então que a senhora ficou sabendo que eu estava à procura *de alguém* para trabalhar com lavagem de roupas aqui em casa?

— Isso – respondeu ela de forma segura.

— Só por curiosidade, tomaste conhecimento desse fato como? Foi pelo anúncio do jornal?

— Não, a bem da verdade, não foi eu quem olhou o anúncio, e sim uma amiga próxima que hoje já se encontra até empregada.

— Ah tá, muito bem então, isso vá lá é o que menos importa, não é assim? – disse enquanto trazia a sua cadeira para bem mais perto da mesa. – Mas a senhora viu bem as condições que eu propus relativas a salário principalmente?

— Sim ela me passou tudo, devo dizer.

— E o que achastes?

— Pra mim está tudo ótimo!

— Hum...muito bom! – disse retorquindo a cabeça para o lado, e continuando: E experiência? Outrora, a senhora já havia trabalhado nesse tipo de serviço?

— Ora, mas é claro! Trabalhei por muito tempo numa lavanderia. Fazia isso dia e

noite. De lavagem, higienização ao passamento. Acho que é só isso que sei fazer da vida – respondeu ela, com um breve e tímido *sorriso*.

— Ótimo, ótimo, muito bem... não quero tomar seu tempo dona... como é mesmo seu nome?

— Conceição, pode me chamar de Conceição.

— Pois bem Dona Conceição, a partir desse momento pode considerar-se contratada. Amanhã mesmo esteja aqui impreterivelmente a partir das 9:00 h que é o horário que acordo – disse ele. – Há tempos estava à procura de alguém para começar o serviço, e você parece ser mesmo a melhor pessoa adequada para esse trabalho. Sou um homem muitíssimo *ocupado*, e com o passar dos dias tenho me tornado mais azafamado ainda. Com efeito, poderia eu até exercer tal função, mas perceba não fui criado para isso; além do mais, o único tempo que me resta serve justamente no sentido de ocupar o restante que me falta dele no sentido somente de tentar alcançar meus objetivos, que nunca se finda percebe? Estou sendo prolixo? Não sei você, mas nunca estou satisfeito com algo, sempre quero mais e mais e mais... Enfim, você não está aqui para ouvir palestras motivacionais, correto? Quanto aos demais pormenores de como se dará a sua *estadia* aqui tais como dias, horários, mais pagamento vamos tratando no decorrer do seu trabalho ok? É bem melhor assim! Necessito que inicie os trabalhos imediatamente!... É uma tarefa por demais simples, mas deve ser desenvolvida de maneira esmerada e permanente, jamais acabará e se findará comigo...

Depois de um tempo, enquanto ele falava, Conceição feliz por ter garantido o emprego, percebe que o semblante do novo patrão vai mudando, ficando mais circunspecto, sério, com ar pesado. Ela, claro, educada não o interrompe. Às vezes, ele até repetia as mesmas coisas. Outras mais pareciam desabafos, aqueles discursos próprios de paciente em intermináveis crises existenciais de psicólogos e/ou psiquiatras. Sem, claro, se importar com as lamentações particulares dele, ela com a alma muitíssimo alegre, torna a ouvi-lo, pacientemente.

— Mas isso não é tudo. Todas essas coisas que falei para você, para mim, não é o



mais importante percebe? Diga alguma coisa? – disse ele se dirigindo a ela:

— Sim doutor estou ouvindo, concordo com tudo que falaste.

E ele passara horas e horas, tangenciando o assunto agora falando até mesmo dos seus dilemas pessoais, familiares, profissionais, das dores humanas... Da frieza que o mundo corporativo tem se tornado, na tal “Modernidade Líquida” baumaniana, impelindo muitos à solidão, concordando pragmaticamente com aquele que classificou como seu “guru espiritual” Schopenhauer, que uma vez disse: “*o que torna as pessoas sociáveis é a sua incapacidade de suportar a solidão e, nela, a si mesmos.*” Cita, como exemplo, vários e recorrentes problemas de relacionamento no seu trabalho, tentando classificar cada qual dos seus colegas nos tipos de personalidade propostas por Carl Jung.

E fica ele divagando, divagando... sem perceber que a sua recém-contratada vai ficando um tanto quanto *espantada*; pois, já havia ele, ultrapassado todo o nível de razoabilidade daquela conversa.

E sucede, pois, depois de muito falar, ele, de súbito, corta o assunto, levanta-se da cadeira (e ela acompanha-o com os olhos esbugalhados), tira os óculos, pondo as duas mãos próximo bem ao centro da mesa, inclinando vagarosamente o corpo em direção a ela com o *olhar* fito no do dela, parecendo agora enxergar o fundo de sua alma, para dizer-lhe:

— Aqui você não será uma mera lavadeira! Não, não penses assim! A senhora, Dona Conceição, terá uma das missões mais nobres na minha vida – disse com ar de gravidade.

— Sim – disse ela com os olhos prestes a saltar das faces, já bastante assustada e com os batimentos cardíacos alterados; imaginando talvez, que fosse ela colocada em lugar ou situação nunca dantes pensado. Segundo sua inocente concepção ela ia lavar, passar e pronto! Não imaginava porque ele havia mudado de humor e tom da conversa tão rapidamente. É quando, pois, sem poder elaborar em sua mente uma resposta satisfatória aquilo tudo, ela tem seus pensamentos cortados subitamente por mais dizeres do patrão contratante:



— Escute bem, estou lhe dizendo que você, a partir de agora, terá importante relevância na minha vida. E isso não é pouca coisa! Não se trata de algo esporádico ou de uma relação superficial *qualquer* que temos no dia a dia com outras pessoas ouviu bem? — disse ele agora se aproximando bem perto da mulher e cravando o olhar bem mais fundo nos seus olhos como se fossem facas, como se quisesse ser compreendido de forma cabal e definitiva. — Estás me ouvindo Dona Conceição?! — repetiu.

— Sim do...doutor, sim — disse ela, inclinando-se um pouco para trás, orando para que a conversa fosse logo terminada por ele. “*Jesus, Jesus, o que vai acontecer?*” pensou. Jamais imaginaria a pobre o que ele almejava com aquela conversa que agora estava mais se assemelhando a um acordo de “pacto de sangue” como daqueles de iniciação numa ordem secreta qualquer. Todavia, dessa vez, parece mesmo que os céus ouviram suas preces e ele encerra dizendo:

— Você terá a nobre missão de não me deixar feder, ouviu bem? Não me deixar *F-E-D-E-R* — disse ele soletrando em alto e bom tom, a palavra que queria destacar, ao mesmo tempo que põe a mão direita com os dedos por demais esticados ao lado da boca. Pouco tempo depois, desfaz-se de toda aquela feição carregada, como se uma entidade tivesse saído de si e logo assim, sem nenhuma demora, se retira para o seu confortável quarto com a intenção de dormir.

E quanto a ela?

Ela fica lá sentada quase que catatônica, afinal acabara de sentir um hálito malcheiroso prorrompendo incisivamente o ar em direção as suas narinas, em meio as suas emoções desgraçadamente embaraçadas, sem entender *absolutamente* nada ali naquele recinto, provavelmente assim como você Leitor (a).

Conceição morde os beiços, pensa um pouco do porquê que aquele até então desconhecido sujeito encerrara tal conversa com aqueles termos. Porém, pouco tempo depois se recompõe, levanta-se calmamente, põe a cadeira no seu devido lugar e vai embora. “*Amanhã cedo terei muito trabalho a fazer. Tomara que esse louco não apronte*



*para o meu lado, Senhor!”* pensava ela consigo, saindo da casa e deixando a porta fechada.